

o homem-javali



Na clareira coberta de neve jazia o cadáver de um alce. Sua carne destruída ainda fumegava. Para Mandred e seus três companheiros ficou claro o que isso significava: haviam afugentado o caçador. O corpo estava coberto de sangue, e o pesado crânio da presa, partido. Mandred não conhecia nenhum animal que caçasse para se alimentar somente do cérebro da vítima. Um ruído abafado se fez ouvir. No fim da clareira, a neve escorregava dos galhos de um enorme pinheiro, formando cascatas sinuosas. O ar estava tomado por finos cristais de gelo. Desconfiado, Mandred espiou por entre as moitas. O bosque agora estava novamente em silêncio. Sobre as copas das árvores, as sinistras luzes verdes das fadas se agitavam em uma dança frenética bem alto no céu. Não era uma boa noite para cruzar florestas!

— Só um galho que se partiu com o peso da neve — disse o louro Gudleif, batendo em sua pesada capa para tirar o gelo — e pare de ficar espiando por aí como um cão raivoso. Você vai ver... No final, o que estamos seguindo é só um bando de lobos.

A preocupação tomava aos poucos os corações dos quatro homens. Todos pensavam nas palavras do ancião que os alertara sobre uma besta mortífera das montanhas. Ele devia ser levado a

sério ou teria alucinações provocadas pela febre? Mandred era o jarl¹ de Firnstayn, um pequeno povoado atrás da floresta junto ao fiorde. Era sua obrigação afastar quaisquer perigos que ameaçassem o seu vilarejo. As palavras do ancião foram tão penetrantes que os perseguiram. E como...

Em invernos como este, que começavam cedo e traziam frio demais, quando as luzes das fadas faiscavam no céu, os filhos dos albos² adentravam o mundo dos homens. Mandred e seus companheiros também sabiam disso.

Asmund apoiara uma flecha no chão e piscava nervosamente. O homem ruivo e magricela nunca era de muitas palavras. Viera havia dois anos para Firnstayn. Dizia-se ter sido um conhecido ladrão de gado no sul, e que o rei Horsa Starkschild teria prometido uma recompensa em troca dele. Mas Mandred não se importava com isso. Asmund era bom caçador; trazia muita carne para o vilarejo. Isso contava mais que qualquer boato.

Mandred conhecia Gudleif e Ragnar desde quando era criança. Ambos eram pescadores. Gudleif é um cara robusto, forte como um urso; sempre bem-humorado, tem muitos amigos, mesmo sendo visto como um homem rústico. Ragnar é baixo e de cabelos escuros, bastante diferente dos altos e geralmente louros habitantes das terras do fiorde. Às vezes zombam dele por isso, chamando-o de duende pelas costas. Isso é um absurdo. Ragnar é um homem de coração de ouro. Alguém em quem se pode confiar incondicionalmente!

Saudoso, Mandred pensava em Freya, sua esposa. Certamente estava agora sentada perto do braseiro e permaneceria à espreita por toda a noite. Ele tinha consigo o seu clarim de alerta. Um toque significava perigo; se soprasse duas vezes todos no vilarejo saberiam que tudo correria bem e que os caçadores estavam a caminho de casa.

1. Título de nobreza escandinavo da Idade Média.

2. Os ancestrais dos elfos.

Asmund baixou seu arco e pôs o dedo sobre os lábios, em sinal de alerta. Ergueu a cabeça como um cão de caça que farejava algo. Agora Mandred também sentia. Um cheiro estranho — como o de ovo podre — invadiu a clareira.

— Talvez seja um troll — sussurrou Gudleif. — Dizem que eles descem as montanhas nos invernos rigorosos. Um troll consegue abater um alce com um simples soco.

Asmund encarou Gudleif de forma sombria, e fez um sinal para que se calasse. A madeira das árvores estalava baixinho no frio. Mandred foi tomado pela sensação de estar sendo observado. Havia alguma coisa ali. E muito perto.

De repente, os ramos de uma aveleira agitaram-se no ar, e duas silhuetas brancas revoaram sobre a clareira num barulhento bater de asas. Mandred apontou sua lança involuntariamente para o alto, e então respirou aliviado. Eram apenas pombos da neve!

Mas o que os assustara? Ragnar mirou seu arco na direção da árvore. O jarl baixou a arma, sentindo seu estômago encolher. Estaria o perigo ali, à espreita, escondido nos ramos? Ficaram imóveis e em silêncio.

Uma eternidade inteira pareceu passar, e nada ali se mexia. Os quatro formavam um semicírculo ao redor do arbusto. A tensão era insuportável. Mandred sentia o suor gelado escorrer por suas costas e se acumular em cima do cinto. O caminho de volta para o vilarejo era longo. Se sua roupa ficasse empapada e não o protegesse mais contra o frio, ele seria obrigado a armar um acampamento em algum lugar e fazer uma fogueira.

O gordo Gudleif ajoelhou-se de novo e fincou sua lança no chão. Enfiou as mãos na neve fresca e, sem fazer ruído, formou uma bola. Gudleif olhou para Mandred, que consentiu com a cabeça. A bola de neve voou até acertar o arbusto. Nada se moveu.

Mandred respirou aliviado. O medo que o grupo sentia tinha dado vida às sombras da noite. Foram eles mesmos quem afugentaram os pombos da neve!

Gudleif sorriu aliviado:

— Isso não foi nada. Seja lá o que matou o alce, já deve ter subido as montanhas faz tempo.

— Mas que belo bando de caçadores somos nós — zombou também Ragnar. — Daqui a pouco também vamos fugir correndo do peido de um coelhinho.

Gudleif se levantou e apanhou a lança.

— Agora vou espetar as sombras! — rindo, remexeu com a lança dentro da moita.

De repente, foi puxado com força, de um só golpe. Mandred viu uma grande mão em formato de garra segurar o cabo da lança. Gudleif deu um grito estridente, que logo se transformou num ruído gutural. O forte homem recuou cambaleante, com ambas as mãos em torno do pescoço. O sangue espirrava por entre seus dedos e escorria por seu manto de pele de lobo.

Da moita saiu um vulto gigantesco, meio homem e meio javali. O peso de sua enorme cabeça de javali lhe fazia curvar muito para a frente, e ainda assim ele tinha mais de um metro e meio de altura. O seu corpo era extremamente robusto; músculos fortes e cheios de nós cobriam seus ombros e braços. Suas mãos terminavam em garras escuras. Abaixo dos joelhos, suas pernas eram estranhamente finas, cobertas de cerdas grossas cinza-escuras. Em vez de pés, a criatura tinha grandes cascos.

O homem-javali soltou um grunhido grave e rouco. Presas longas como punhais saíam de seus maxilares, e seus olhos pareciam querer devorar Mandred.

Asmund apontou seu arco para cima e disparou uma flecha. Acertou a lateral da cabeça do monstro, deixando um rastro fino e vermelho. Mandred agarrou mais forte a sua lança.

Gudleif caiu de joelhos, vacilou alguns segundos e então tombou para o lado. Suas mãos crispadas se soltaram. O sangue ainda brotava de sua garganta, e suas fortes pernas tremiam desamparadas.

Mandred foi tomado por uma fúria cega. Lançou-se para a frente e cravou a lança no peito da besta. Teve a impressão de ter atacado uma rocha. A lâmina da lança só resvalou no monstro, sem causar qualquer dano. Uma de suas garras puxou e despedaçou o cabo da arma.

Para afastar a criatura de Mandred, Ragnar atacou-a pelo lado. Mas sua lança também não conseguiu feri-la.

Mandred atirou-se sobre a neve e tirou um machado do cinto. Era uma boa arma, com a lâmina fina e afiada. O jarl golpeou com toda a força os tornozelos da fera. O monstro grunhiu e então acertou o guerreiro com sua pesada cabeça. Uma presa acertou Mandred na parte interna da coxa, dilacerando seus músculos e despedaçando o clarim de prata que pendia do seu cinto. Em um só golpe, o ser monstruoso jogou a cabeça para trás, lançando Mandred por sobre a aveleira.

Meio anestesiado de dor, apertou a ferida com uma mão, enquanto com a outra rasgou uma tira de tecido de sua capa. Pressionou rapidamente a lâ sobre a ferida aberta e então tirou o cinto para amarrar a tira na perna e estancar o sangue.

A clareira estava tomada de gritos estridentes. Mandred quebrou um galho da árvore e passou-o por dentro do cinto. Então apertou mais a tira de couro para deixá-la mais justa em sua coxa. Estava quase desmaiando de dor.

Os gritos na clareira silenciaram. Mandred espiou cuidadosamente por entre os galhos. Viu seus companheiros deitados na neve. O monstro estava curvado sobre Ragnar, ferindo-lhe mais e mais o peito com as presas. O machado de Mandred jazia bem ao lado da fera. Só conseguia pensar em pular perigosamente sobre o monstro, mesmo desarmado. Não era honrado fugir de uma luta como essa! Ele era o jarl responsável pelo vilarejo. Por isso precisava avisar os que ainda estavam vivos, mas não podia simplesmente voltar para Firnstayn. A sua pista levaria o monstro diretamente para a aldeia. Tinha de encontrar outro jeito.

Centímetro por centímetro, Mandred arrastou-se para trás, para fora do arbusto. A cada barulho que os galhos faziam, seu coração quase parava. Mas o monstro não percebeu: agachado na clareira, fazia seu horripilante banquete.

Quando Mandred conseguiu, arrastando-se, sair do arbusto, arriscou levantar. Uma dor aguda percorreu a sua perna. Apalpou os farrapos de lã. Crostas de gelo se formavam sobre eles. Por quanto tempo suportaria o frio?

O jarl percorreu mancando a curta distância até o limite da floresta. Olhou para o grande rochedo de cume escuro que se erguia sobre o fiorde. Ali em cima havia um antiquíssimo círculo de pedras. E bem perto dali estava empilhada a lenha para a fogueira de alerta. Se conseguisse acender a fogueira, a aldeia estaria avisada. Mas o caminho até lá em cima tinha mais de três quilômetros.

Mandred seguia a borda da floresta, mas avançava lentamente sobre a neve. Encarava angustiado vasto tapete branco diante de si que suavemente formava uma subida em direção ao topo do rochedo. Ali mal havia vegetação e as pegadas que ele deixaria não passariam despercebidas. Esgotado, recostou-se no tronco de uma velha tília e reuniu forças. Se tivesse ao menos acreditado nas palavras do ancião!

Certa manhã, encontraram-no diante da paliçada que protegia a aldeia. O frio quase tirara a vida do pobre homem. Enquanto delirava de febre, contou sobre um javali monstruoso que andava sobre duas pernas. Sobre um monstro que viera do norte, das montanhas distantes, para espalhar a morte e a desgraça nas aldeias das terras do fiorde. Um devorador de humanos! Se o velho tivesse falado dos trolls, que vinham do fundo das montanhas, ou dos duendes perversos, que tingiam seus gorros de lã com o vermelho do sangue de suas vítimas, ou então da Caçada dos Elfos e seus lobos brancos, Mandred teria acreditado. Mas sobre um javali que andava ereto e se alimentava de homens...

De tal criatura ninguém jamais ouvira falar! Logo atribuíram o falatório do velho a confusas alucinações febris.

Veio a noite do solstício de inverno. Em seu leito de morte, o estranho chamara Mandred, a quem fez jurar que procuraria o monstro e alertaria as outras aldeias do fiorde. Só então ficou em paz. Mandred ainda não acreditava no ancião, mas era um homem honrado, que levava a sério os seus juramentos. Por isso saía naquela jornada...

Se tivessem ao menos sido mais cautelosos!

Mandred respirava profundamente e seguia mancando sobre o vasto campo nevado. Sua perna esquerda estava totalmente entorpecida e dificultava o seu caminhar. Tropeçava o tempo todo. Meio em pé, meio agachado, lutava para ir adiante. Ao menos o frio tinha um lado bom: a ferida agora não doía mais. Já não ouvia mais a terrível criatura. Teria terminado o banquete?

Finalmente, chegou a uma vasta campina coberta de cascalho, onde ocorrera uma avalanche no último outono. A superfície traiçoeira agora estava oculta sob uma grossa camada de neve. Mandred respirava aos soluços. Brancas e espessas nuvens de vapor se formavam diante de sua boca, e se condensavam em sua barba como geada. Maldito frio!

O jarl lembrou-se do último verão. Viera ali com Freya algumas vezes, quando deitaram-se na grama para observar o céu estrelado. Gabou-se de suas aventuras de caça e contou-lhe sobre como escoltara o rei Horsa Starkschild durante sua expedição militar na costa de Fargon. Freya ouvia pacientemente e zombava um pouco dele quando exagerava demais nos seus feitos heroicos. Às vezes sua língua era afiada como uma faca! Mas ela beijava como... Não, sem pensar nisso! Ele engolia com dificuldade. Logo seria pai. Mas jamais veria seu filho. Seria um menino?

Mandred recostou-se em uma rocha para descansar. Já conseguira transpor metade do caminho até lá em cima. Seu olhar percorria de volta os limites da floresta. A escuridão do bosque

escondia a luz verde das fadas, mas ali, na encosta das montanhas, via-se tudo tão nitidamente como numa clara noite de lua cheia.

Sempre gostara de noites como essas, embora aquela sinistra luz causasse medo na maioria dos habitantes das terras do norte. Parecia que um enorme pano de órbitas, tecido com o brilho resplandecente das estrelas, fora estendido no céu.

Alguns diziam que os elfos ocultavam-se nessa luz, quando cavalgavam à noite para caçar sobre o gelado e límpido céu. Mandred sorriu. Freya ficaria contente com esses pensamentos. Nas noites de inverno, ela amava se sentar diante do braseiro e ouvir histórias; histórias de trolls das montanhas distantes ou de elfos de coração tão frio quanto as estrelas de inverno.

Um movimento nos limites da floresta tirou Mandred de seus devaneios. O homem-javali! Então a fera seguiu a sua pista. A cada passo em direção ao rochedo, ele era atraído para mais longe do vilarejo. Ele só precisava ser forte... A fera poderia tranquilamente rasgar o seu peito para comer o seu coração, desde que ele conseguisse acender a fogueira de alerta!

Mandred desencostou-se da rocha e tropeçou. Seus pés... eles ainda estavam lá, mas já não os sentia mais. Ele não deveria ter parado! Isso foi loucura... Até uma criança sabia que descansar num frio como esse poderia significar a morte.

Mandred olhou desesperado para os pés. Congelados e sem qualquer sensibilidade, eles não o avisariam caso o cascalho de baixo dele escorregasse. Eles o traíram, aliaram-se ao inimigo — o inimigo que queria impedir que ele acendesse a chama de alerta.

O jarl desatou a rir. Mas no seu riso não havia nem sinal de alegria. Os seus pés levaram o inimigo até ele. Que ironia! Aos poucos foi perdendo a razão. Os pés eram somente carne morta, a mesma carne morta que logo ele inteiro viraria. Furioso, tentou chutar o rochedo. Nada! Como se os pés não estivessem lá. Mas ele ainda conseguia andar. Era só uma questão de vontade. E de prestar muita atenção onde pisava.

Tomado pela preocupação, olhou para trás. A besta caminhava sobre o campo coberto de neve e parecia não ter pressa. Saberia ele que este era o único caminho para subir o rochedo? Mandred não conseguiria mais escapar. Mas ele não tinha mesmo essa intenção, desde que conseguisse acender o fogo!

Um ruído o assustou. A fera rosnava. Mandred teve a sensação de que o olhava diretamente nos olhos. É claro que isso não era possível àquela distância, mas... Uma gelada lufada de ar pareceu soprar sobre seu coração.

O jarl acelerou seus passos. Ele precisava manter vantagem! Seria necessário um pouco de tempo para acender a fogueira. Sua respiração assobiava. Quando expirava, o som era como o tilintar baixo dos pingentes de gelo que se acumulavam sobre as copas dos pinheiros e batiam uns contra os outros com o vento — mas mais suave. O beijo da fada do gelo! Lembrou-se de uma lenda que se contava às crianças: a fada do gelo era invisível e passeava pelas terras do fiorde durante as noites em que, de tão frias, até mesmo a luz das estrelas congelava. Quando ela se aproximava, o vapor da respiração desaparecia e um tilintar soava no ar. Mas se ela chegasse tão perto a ponto de seus lábios tocarem a face do viajante, então seu beijo causava a morte. Qual era o motivo? Por que o homem-javali não ousava se aproximar mais?

Mais uma vez Mandred olhou para trás. A fera não parecia fazer esforço para se movimentar pela neve. Na verdade, ela poderia alcançá-lo muito mais rápido. Por que estava brincando de gato e rato com ele?

Mandred escorregou e bateu a cabeça com força contra uma rocha, mas não sentiu dor. Passou as luvas sobre a testa. Sentiu seu sangue escuro escorrer. Estava com tontura. Isso não deveria ter acontecido! Acossado, olhava para trás. O homem-javali se detivera e de cabeça erguida olhava para cima, em sua direção.

Mandred não se aguentava mais sobre as pernas. Como fora tolo! Olhar para trás e andar ao mesmo tempo!

Com toda a força, tentou subir. Mas a perna meio congelada o impedia de prosseguir. Ele precisaria de uma grande rocha para conseguir se alçar para cima. Agora tinha de se arrastar. Que humilhação! Ele, Mandred Torgridson, o mais conhecido guerreiro dos fiordes, curvado e rastejando diante de seu inimigo! Só durante a expedição militar do rei Horsa, sete homens foram vencidos em duelos contra Mandred. Para cada adversário vencido fazia, cheio de orgulho, uma nova trança. E agora rastejava diante do inimigo dessa forma.

Entretanto, esse era um outro tipo de luta, advertiu a si mesmo. Não era possível se impor com armas diante desse monstro. Ele viu como a flecha de Asmund ricocheteara ao atingi-lo, e como o seu machado não lhe ferira. Não, essa batalha tinha outras regras. Ele a venceria se conseguisse acender o fogo.

Desesperado, Mandred rastejava sobre os cotovelos. Aos poucos, a força de seus braços também esvanecia. Mas o cume já não estava longe. O guerreiro olhou para as pedras erguidas; era como se vestissem gorros de neve, que as protegesse do verde cintilante do céu. Logo atrás do círculo de pedras estava empilhada a lenha para a fogueira de alerta.

Apertando os olhos, Mandred continuava a rastejar sobre o cascalho liso. Diante dele surgiu um dos pilares do círculo de pedras. Ele se apoiou na pedra e, vacilante, pôs-se de pé. Suas pernas já não conseguiriam levá-lo para muito longe.

O cume era achatado e tão plano quanto o fundo de um prato de madeira. Normalmente ele teria feito a volta em torno do círculo de pedra. Ninguém pisava entre as pedras erguidas! Não era uma questão de coragem. Certa vez, durante o verão, Mandred observou o cume por uma tarde inteira. Nenhum pássaro voou por cima do círculo de pedras.

Uma trilha estreita rente ao rochedo contornava-o, e por isso era possível dar a volta no círculo. Mas com as pernas anestesiadas, ele já não tinha mais segurança para se aventurar por

esse caminho. Não lhe restava outra coisa senão passar por entre as pedras.

Como que se preparando para receber um golpe repentino, Mandred encolheu a cabeça entre os ombros ao pisar no centro do círculo. Dez passos e alcançaria o outro lado. Era um trecho tão ridiculamente curto...

Amedrontado, Mandred olhou ao redor de si. Não havia neve ali. Era como se o inverno não quisesse penetrar no interior do círculo. Nas pedras estavam riscados desenhos estranhos, de linhas curvas.

Dali até o fiorde, o penhasco era quase vertical. Lá de baixo, do vilarejo, parecia que alguém havia colocado uma coroa rochosa sobre o seu cume. Os blocos de granito, que formavam um amplo círculo ao redor do planalto rochoso, eram maiores que a altura de três homens. Dizia-se que estavam ali havia muito tempo, desde antes de os seres humanos chegarem às terras do fiorde. Eles também eram enfeitados com inscrições curvilíneas. A trama que formavam era tão fina que nenhum homem seria capaz de imitá-la. E, ao observá-la por muito tempo, a sensação era de se estar bêbado do pesado e condimentado hidromel de inverno.

Certa vez, alguns anos antes, um escaldo — um bardo que declamava sua poesia — viajou a Firnstayn, afirmando que as pedras ali erguidas eram velhos guerreiros élficos que teriam sido amaldiçoados por uma praga de seus ancestrais, os albos. Estavam condenados a permanecer solitários e despertos por toda a eternidade, até que num dia distante o próprio país clamasse por sua ajuda e o feitiço então fosse quebrado. Na ocasião, Mandred fez troça do escaldo. Qualquer criança sabia que os elfos tinham baixa estatura e não eram mais altos que os homens. As pedras eram vigorosas demais para serem elfos.

Ao atravessar o círculo, Mandred foi golpeado por um vento glacial. Agora estava quase conseguindo. Nada iria lhe... A pilha de lenha! Daqui ele já deveria conseguir vê-la! Ela estava so-

bre uma saliência na pedra, protegida contra o vento logo abaixo da borda do penhasco. Mandred caiu de joelhos e rastejou um pouco mais. Não havia nada ali!

O penhasco descia por quase sessenta metros até as profundezas. Teria havido uma avalanche? A saliência teria se partido? Mandred tinha a sensação de que os deuses estavam lhe pregando uma peça. Empregara todas as suas forças para conseguir chegar até ali, e agora... Desesperado, lançou um olhar sobre as terras do fiorde. Bem abaixo, do outro lado do braço de mar congelado, o seu vilarejo descansava sobre a neve.

Firnstayn. Era formado por quatro longas casas comunais e um punhado de pequenas cabanas, cercado de uma paliçada ridiculamente frágil: a muralha de madeira, feita de troncos de pinheiro, servia para afastar os lobos e era obstáculo para saqueadores. Jamais conseguiria deter o homem-javali.

O jarl tomou coragem, aproximou-se cuidadosamente do precipício e olhou para baixo, para o fiorde. A luz das fadas no céu lançava a mágica de suas sombras verdes sobre a paisagem coberta de neve. Não se podia ver homens nem animais. Dos fumeiros sob o vértice dos telhados subia uma fumaça branca, que era desfiada pelas rufadas de vento e varrida sobre o fiorde. Era certo que Freya estava sentada ao lado do braseiro, atenta ao sinal do clarim que anunciaria o retorno dos caçadores.

Se ao menos o clarim não tivesse sido destruído! Dali de cima, o seu chamado certamente seria ouvido da aldeia. Mas que peça cruel os deuses pregavam nele e nos seus! Será que assistiam a tudo aquilo e riam?

Mandred ouviu um ruído seco. Então virou-se, fraco. Deu de cara com o homem-javali, do outro lado do círculo de pedras. Deu a volta lentamente. Então ele também não ousava pisar entre as rochas? Em seguida, rastejou afastando-se da borda do penhasco. Sua vida tinha acabado, ele sabia. Mas se podia escolher, preferia ser morto pelo frio a virar comida de fera.

O bater dos cascos foi ficando mais rápido. Precisava ainda de um último esforço. Uma súbita arrancada e... Mandred conseguiu. Estava no círculo mágico de pedras! Um cansaço de chumbo pesava sobre suas juntas. O frio congelante cortava sua garganta a cada respiração. Esgotado, recostou-se em uma das pedras. Um vento violento lhe repuxava as roupas duras de gelo. O cinto em sua coxa se afrouxara. O sangue atravessava o retalho de lã.

Em voz baixa, Mandred rezava para seus deuses. Para Firn, senhor do inverno; para Norgrimm, senhor das batalhas; para Naida, a amazona das nuvens que rege os 23 ventos; e para Luth, o mestre tecelão que, com os fios do destino dos homens, tece uma preciosa tapeçaria para as paredes do átrio dourado, aquele no qual os deuses bebem na companhia dos mais valentes entre os guerreiros mortos.

Os olhos de Mandred se fecharam. Ele dormiria o longo sono... Perdera seu lugar no átrio dos heróis. Ele deveria ter morrido com seus companheiros. Era um covarde! Gudleif, Ragnar e Asmund — nenhum deles fugira. A pilha de lenha ter despencado do rochedo seria certamente um castigo dos deuses.

— Você tem razão, Mandred Torgridson. Os deuses deixam de proteger quem é covarde — uma voz soou em sua cabeça. Era a morte?, perguntou-se Mandred. Apenas uma voz?

— Mais que uma voz! Olhe para mim!

O jarl mal era capaz de sustentar suas pálpebras. Um hálito quente soprou-lhe o rosto. Ele olhou dentro de grandes olhos, azuis como o céu de um fim de tarde de verão, quando a lua e sol ali convivem. Eram os olhos do homem-javali! A fera se agachara ao seu lado, logo na extremidade exterior do círculo de pedras. A baba pingava de seu focinho coberto de sangue. Em uma das longas presas ainda pendiam fibrosos pedaços de carne.

— Os deuses deixam de proteger quem é covarde — ressoou a voz estranha na cabeça de Mandred. — Agora os outros podem pegar você”.

O homem-javali ergueu-se totalmente. Seus beijos tremiam. Ele quase parecia sorrir. Então deu meia-volta. Contornou o círculo de pedras e logo ficou totalmente fora do campo de visão.

Mandred levantou a cabeça. A fantástica luz das fadas ainda dançava no céu. Os outros? Logo foi cercado pela escuridão. Suas pálpebras teriam despencado sem que percebesse? Dormir... só por pouco tempo. A escuridão era tentadora. Era um prenúncio de paz.